

Boa Nova para cada dia / dezembro 2017

Gonçalo Miller Guerra, s.j. (Semanas)

Marco Cunha, s.j. (Domingos e Dias Santos)

Tempo do Advento – Imaculada Conceição

Tempo do Natal – Natal do Senhor

Sex, 1 – SEMANA XXXIV DO TEMPO COMUM / 1ª SEXTA-FEIRA

Dan 7, 2-14 / Dan 3, 75-81 / Lc 21, 29-33

Passará o céu e a terra, mas as minhas palavras não passarão. (Evang.)

Para nós, isto é um grande consolo. As palavras em que nos apoiamos para crescer na fé não vão passar nunca. Podiam passar, podíamos estar à espera de outras, podíamos estar incertos quanto à sua duração. Mas sabemos que não vão passar nunca. Que são estas aquelas em que nos vamos estribar sempre. Com total confiança. Agradeçamo-lo a Deus.

Sáb, 2 – SEMANA XXXIV DO TEMPO COMUM / 1º SÁBADO

Dan 7, 15-27 / Dan 3, 82-87 / Lc 21, 34-36

Tende cuidado convosco, não suceda que os vossos corações se tornem pesados com (...) as preocupações da vida. (Evang.)

Como é que as preocupações da vida podem não ser pesadas, no sentido de não nos afastarmos de Deus? Temos de associar Deus a essas preocupações. Temos de ser capazes de notar (observar, ver) Deus na resolução dessas preocupações. Temos de ver a mão de Deus a ajudar-nos nas preocupações. E quando virmos, quando a ajuda de Deus for uma realidade eficaz, então as preocupações já não serão um peso, mas uma simples ocorrência.

Dom, 3 – DOMINGO I DO ADVENTO – Ano B

Is 63, 16b-17.19b; 64, 2b-7 / Slm 79 (80), 2ac.3b.15-16.18-19 / 1 Cor 1, 3-9 / Mc 13, 33-37

Hoje celebramos o primeiro domingo do tempo do Advento.

Este é o primeiro domingo do novo ano litúrgico, que come-

ça com o tempo de preparação para o Natal. Durante as semanas que antecedem a celebração do nascimento do nosso Salvador, a liturgia oferece-nos leituras que pretendem fazer com que tomemos consciência do grande mistério que estamos para celebrar e das suas consequências para a nossa vida.

No Evangelho de hoje, a palavra «vigiar» repete-se por quatro vezes, como um refrão. «Acautelai-vos e vigiai», recomenda-nos Jesus no seu último discurso antes da Paixão. Não é casual que a última palavra do Senhor antes do processo que levará à sua condenação seja «Vigiai».

A fé cristã desafia-nos a vivermos com os olhos bem abertos para estarmos atentos ao que se passa à nossa volta e dentro do nosso coração. Somos desafiados à vigilância, mas não só: o Senhor convida-nos a preencher a nossa *espera vigilante* com uma fé ativa e viva. Aquele que confia no Senhor põe-se a caminho, percebe que a sua vida não é uma espécie de «sala de espera» onde se espera sentado a vinda do Senhor, mas é uma *peregrina-*

ção em direção à promessa de uma vida abundante e plena. A atitude vigilante é aquela que nos permite ter um coração atento à presença do Senhor na nossa vida, na certeza de que Ele nunca nos abandona.

«Vigiai» – esta recomendação é tão importante que Jesus dá-nos uma imagem forte: somos como o porteiro que está de vigia à espera que o seu senhor chegue de viagem e que, por isso, fica atento para não se dar o caso de o senhor chegar e ele ter adormecido.

Não importa entrar em especulações acerca do *dia e da hora*, não é importante! O que é importante é viver como Filhos de Deus, *revestidos do Senhor* (Rm 13, 14), a cada hora do dia e da noite, para que cada hora de cada dia seja para nós um encontro com Ele, até ao encontro definitivo.

Vigiar significa simplesmente viver com a certeza de que Cristo nunca nos abandona, que está sempre presente na nossa vida, procurando manter aceso o fogo do amor no nosso coração. A vigilância concretiza-se na confiança e na oração.

Seg, 4 – SEMANA I DO ADVENTO

Is 2, 1-5 / Slm 121 (122), 1-4.8.9 / Mt 8, 5-11

Ele nos ensinará os seus caminhos e nós andaremos pelas suas veredas. (1ª Leit.)

E como é que Deus ensina? Já sabemos que Deus fala através da Escritura, dos outros, da nossa consciência, etc. Mas como é que, no meio disso, discernimos os seus caminhos, a sua vontade? Com um coração sem medo, sem vergonhas mundanas. Um coração assim é muito difícil de conquistar, porque nós temos muitos medos, preconceitos e vergonhas mundanas. E isso são cataratas que nos alteram a visão da alma. Peçamos a Deus que nos opere às cataratas.

Ter, 5 – SS. MARTINHO DE DUME, FRUTUOSO E GERALDO (Memória)

Is 11, 1-10 / Slm 71 (72), 2.7-8.12-13.17 / Lc 10, 21-24

[Deus] Defenderá a vida dos oprimidos. (Salmo)

E continua a fazê-lo, através da Igreja Católica. Cabe-nos, a nós, participar nessa defesa, na medida das nossas possibilidades e, também, não oprimirmos quem está ao lado. Como podemos oprimir quem está ao lado? Com uma palavra, um gesto. Tudo o que magoa, oprime. Também podemos oprimir com a nossa conversa ou podemos oprimir com o nosso silêncio. Enfim, o que oprime vem do nosso coração. O pior é que, às vezes, nem damos por isso. Peçamos essa sensibilidade.

Qua, 6 – SEMANA I DO ADVENTO

Is 25, 6-10a / Slm 22 (23), 1-6 / Mt 15, 29-37

Ele destruirá a morte para sempre. (1ª Leit.)

Esta leitura do profeta Isaías refere-se a alguém que há de vir «destruir a morte para sempre». Cristo veio à terra para nos levar para os braços do Pai, assim que a nossa vida na terra termine. Isso é «destruir a morte» para sempre em cada um de nós. A morte é só uma espécie de porta para o encontro definitivo com Deus. À entrada por essa porta chamamos ressurreição. O leitor reze pela sua entrada no Céu.

Qui, 7 – SANTO AMBRÓSIO (Memória)

Is 26, 1-6 / Slm 117 (118), 1.8-9.19-21.25-27a / Mt 7, 21.24-27

O seu coração está firme (...), porque em Vós tem confiança. (1ª Leit.)

Às vezes, é ao contrário. Queremos pôr a nossa confiança em Deus porque o nosso coração não está muito firme. Mas o leitor creia-me: firmar o nosso coração na confiança em Deus é toda uma caminhada de que saímos vitoriosos. Aos poucos, vamos confiando em Deus e Deus vai-nos culminando de graças. É um processo muito moroso e duro, mas vale a pena.

Sex, 8 – IMACULADA CONCEIÇÃO DE NOSSA SENHORA – Padroeira de Portugal (Solenidade)

Gen 3, 9-15.20 / Slm 97 (98), 1-4 / Ef 1, 3-6.11-12 / Lc 1, 26-38

Dizia S. Bernardo que *de Maria há sempre mais para dizer*. Hoje celebramos a solenidade da Imaculada Conceição de Nossa Senhora e o Evangelho que a liturgia nos oferece mostra-nos a nossa Mãe Santíssima oferecendo toda a sua vida ao Senhor. Nada guarda para si, mas em tudo confia em Deus, dizendo-Lhe: «Eis a escrava do Senhor; faça-se em mim segundo a tua palavra».

Desde o início da Igreja que a devoção a Nossa Senhora sempre esteve presente entre o povo cristão. Continuamos, hoje em dia, em muitos lugares, a rezar o terço com devoção, na certeza de que Maria é a nossa intercessora junto de Deus e nunca nos abandona. Por vezes, alguns criticam o que poderá ser um excesso de devoção. Atento a este problema, o Papa Pio XII diz que todas as devoções perderiam a sua força se não procurássemos viver com o coração

centrado em Cristo, como o fez Maria. Se não procurarmos uma vida centrada em Jesus, todas as devoções correm o risco de se tornar mero folclore. A melhor das devoções marianas é uma vida verdadeiramente cristã. Se as nossas peregrinações e terços nos fazem procurar evitar o pecado, superar as dificuldades, instruir na fé, se nos fazem aumentar em intimidade com Jesus Cristo e ver em cada homem e em cada mulher um irmão e uma irmã, então as nossas devoções são verdadeiramente marianas. Onde nos abrimos à graça de Deus, estamos em contacto íntimo com Maria, a cheia de Graça.

Maria é a *Cheia de Graça* porque *grandes coisas* fez nela o Onnipotente! Nos primeiros séculos, uma imagem que representa Maria é a Lua: durante o dia, somos iluminados pelo Sol, que tem a sua luz própria;

mas, quando vem a noite, esta é iluminada pela Lua que, não tendo em si a luz, reflete para nós a luz que recebe do Sol. Assim é Maria. É, tal como nós, uma criatura de Deus e o que faz dela a *Cheia de Graça* é a sua colaboração total e sem barreiras com o Senhor. Nada nela é obstrução à graça de Deus. Colabora sem colocar entraves à ação do Espírito Santo, porque

nada nela fala de si própria, mas tudo de Deus; porque não há nada nela que não tenha vindo do Pai, a sua vida fala toda do Amor.

A luz com que Maria, a nossa Mãe Santíssima, ilumina a nossa vida não é a sua luz, mas a Luz do Pai e por isso esta Luz continuará a brilhar na nossa vida, porque ela é, para nós, a *Mediadora de todas as graças*.

Sáb, 9 – SEMANA I DO ADVENTO

Is 30, 19-21.23-26 / Slm 146 (147), 1-6 / Mt 9, 35 – 10, 1.6-8
É este o caminho; segui por ele. (1ª Leit.)

Já temos o caminho: Cristo. Claro. Mas é um bocadinho vago quando estamos a conduzir, ou nas compras, ou a tratar dos filhos, ou a lidar com a nossa comunidade religiosa. Cristo deixou-nos o Espírito Santo, que atua em nós nessas ocasiões e nos ensina o caminho. Precisamos é de ir apurando a sensibilidade, o nosso ouvido, à sua voz. Ele guia-nos, mas temos de estar atentos. Podemos pôr um lembrete no telemóvel para nos lembrarmos de estar atentos.

Dom, 10 – DOMINGO II DO ADVENTO – Ano B

Is 40, 1-5.9-11 / Slm 84 (85), 9-14 / 2 Pedro 3, 8-14 / Mc 1, 1-8

«Consolai, consolai o meu povo, diz o vosso Deus». Assim começa a mensagem que o profeta Isaías anuncia da parte de Deus. Depois de longas provações por que Israel estava a passar, eis que o *Consolador* se aproxima. Por isso, Isaías diz: «Terminaram os seus trabalhos e está perdoada a sua culpa».

Israel tinha-se afastado de Deus e perdido a esperança. O povo vivia tempos de desolação, mas o Senhor anuncia a sua vinda e o fim da provação. Para nós, normalmente, *consolar* significa dizer palavras de alento a alguém que está triste, mas para Deus consolar é bem mais do que só uma carícia. A conso-

lação que vem de Deus é a salvação: Ele consola o triste levantando-o do pó, transformando o lamento em canto de Alegria. Revela-nos Jesus que o Consolador é o Espírito Santo que Ele nos envia e nos liberta de tudo aquilo que nos escraviza, isto é, que nos impede de Amar. Esta é a desolação das desolações: a incapacidade de amar e de se deixar amar.

No Evangelho, vemos que a voz que clama no deserto é João Batista, o Precursor, aquele que prepara o caminho do Senhor. Estas são as primeiras palavras do Evangelho segundo S. Marcos e mostram-nos as condições para acolher o Senhor. A primeira condição é a sede de justiça. Olhando à nossa volta, percebemos que há como que um abismo entre a realidade tal como a vemos e aquilo que achamos que deveria ser. Percebemos que não é isto que Deus quer, e aí de nós se nos acomodamos às injustiças e negamos a sede de justiça que nos permite reconhecer o Senhor. Sabemos que Deus não abandona o mundo, que está presente e atuante e esta sede é para nós uma bússola para O encontrar. A segunda condição é a sede de liber-

dade: percebemos dentro de nós uma sede de mais, que há coisas que nos aprisionam, nos tiram a liberdade. Até reconhecemos o bem, mas muitas vezes somos incapazes de o seguir; intuímos um caminho de felicidade, mas sentimo-nos impotentes para o seguir. Há uma voz que grita para abriremos uma «estrada» que nos liberte daquilo que nos escraviza.

João Batista é o homem do «desejo», que espera ardentemente a chegada do «desejado» e nos ensina a canalizar as nossas sedes de «mais», a sede de justiça e a sede de liberdade para reconhecermos na nossa vida a presença do Consolador. Todo o discípulo do Senhor é chamado a cultivar em si este desejo que Deus coloca no nosso coração, tal como fez com o povo de Israel, que é a sede da fraternidade, da liberdade, da coragem para deixar os nossos interesses, por vezes mesquinhos, que nos fecham em nós mesmos, e receber a força de enfrentar o deserto na vida e encarar de frente o desejo de conversão que, por vezes, brota do nosso coração.

Tudo isto será dito por Jesus, o «desejado», o Senhor que está a vir.

Seg, 11 – SEMANA II DO ADVENTO

Is 35, 1-10 / Slm 84 (85), 9ab-14 / Lc 5, 17-26

Fortalecei as mãos fatigadas e robustecei os corações vacilantes. (1ª Leit.)

O profeta Isaiás exorta-nos a fortalecermos as nossas mãos fatigadas (o nosso empenho periclitante) e o nosso coração (a nossa emoção), o que implica esforço e, algumas vezes, dor. Aos poucos, ir-nos-emos habituando à dor. Outras vezes, será demais e teremos de descansar. Mas o que importa é não desistirmos de ir robustecendo o coração. Quanto mais forte for o nosso coração, mais amará.

Ter, 12 – SEMANA II DO ADVENTO

Is 40, 1-11 / Slm 95 (96), 1-3.10-13 / Mt 18, 12-14

Consolai, consolai o meu povo, diz o vosso Deus. (1ª Leit.)

O que é consolar? Consolar é aliviar o sofrimento. É ouvir. É acolher. É confortar. É acarinhar. Quem é que o leitor consola? Será que todos consolamos alguém? Será que o leitor consola alguém? O leitor tem consciência de consolar alguém? Por exemplo, consola alguém dentro da sua comunidade religiosa?

Qua, 13 – SANTA LUZIA (Memória)

Is 40, 25-31 / Slm 102 (103), 1-4.8.10 / Mt 11, 28-30

Ele não Se cansa nem Se fatiga. (1ª Leit.)

O nosso amor é o amor de Deus dentro de nós. Quer dizer, Deus ama através de nós. Nós somos o vaso de barro (2 Cor 4, 7). Mas somos alguma coisa. Não somos o nada. Somos o transmissor. Cada um de nós é um transmissor original que transmite uma faceta das infinitas que Deus tem. Nós cansamo-nos e fatigamo-nos, mas prontamente – ou não tão prontamente – recuperamos forças para continuar a avançar. Essas forças também vêm de Deus. Cabe-nos pedi-las.

Qui, 14 – S. JOÃO DA CRUZ (Memória)

Is 41, 13-20 / Slm 144 (145), 1.9-13 / Mt 11, 11-15

Não temas (...), bichinho de Israel. (1ª Leit.)

Esta frase é cheia de ternura. Quanta gente não chama a pessoas que lhe são queridas «o meu bichinho». A linguagem da ternura não tem vocábulos ridículos; é uma linguagem poética. Deus

trata o seu povo por bichinho. Caro leitor, sinta-se o bichinho que Deus acaricia e protege. Ou, se este termo não lhe agrada, arranje um que lhe agrade e goze-o durante a sua oração de hoje.

Sex, 15 – SEMANA II DO ADVENTO

Is 48, 17-19 / Slm 1, 1-4.6 / Mt 11, 16-19

Se tivesses atendido às minhas ordens, a tua paz seria como um rio. (1ª Leit.)

As ordens de Deus dão paz, o problema é que andamos «inquietos e perturbados com muitas coisas» (cf. Lc 10, 41) e parece que não há ordem de Deus que ponha ordem na nossa inquietação mental. Mas há. É fazer as coisas com Deus. Ficamos logo mais calmos. É pedir ajuda ao Espírito Santo. Como em tudo, é uma caminhada. Mas Deus ajuda. Muito.

Sáb, 16 – SEMANA II DO ADVENTO

Sir 48, 1-4.9-11 / Slm 79 (80), 2ac.3b.15-16.18-19 / Mt 17, 10-13

Felizes os que (...) morreram no amor. (1ª Leit.)

Sim, verdadeiramente felizes se morrermos no amor. Podemos morrer no amor de várias maneiras: cheios do amor de Deus (sentindo o amor de Deus), cheios do amor da família, fazendo um ato de amor, num ato de heroísmo... Mas não morreremos verdadeiramente bem se não prepararmos a nossa morte, ao longo da nossa vida, com um grande ato de amor. O leitor já descobriu qual é o seu, ou os pequenos atos de amor que o constituem?

Dom, 17 – DOMINGO III DO ADVENTO – Ano B

Is 61, 1-2a.10-11 / Lc 1, 46b-50.53-54 / 1 Tes 5, 16-24 / Jo 1, 6-8.19-28

A segunda leitura deste domingo apresenta-nos as consequências do otimismo cristão. Ora, se Deus, quando cria, vê que tudo é bom, também o cristão, quando olha para o mundo a partir do olhar de Cristo, não

pode senão ver o mundo como Ele o vê: tudo é muito bom. Este é um pressuposto da vida cristã: procurar o bem. Sim, é verdade, existe o mal, basta abrir os olhos e verificamos que o mundo (ainda) não é um lugar

de justiça e de fraternidade, mas (e é um «mas» muito importante) sabemos que o Senhor está presente. Cabe-nos, diante da experiência do mal, procurar encontrar a presença do Senhor. Paulo diz-nos: *sempre, em todo o lugar procurai o bem. Sempre.* Dá-nos esta certeza: se procuramos o bem, encontramos-lo e não há como não o encontrar, porque somos todos filhos da Luz. Em todos nós coabitam a Luz e as trevas, mas as trevas são muito menores, menos significativas e muito menos potentes do que a Luz.

Esta é uma «regra» fundamental: procurar o bem e a beleza na nossa vida. Aí está Deus. Para o podermos fazer, Paulo dá-nos uma série de indicações. Primeira: «Vivei sempre alegres». Sempre alegres! A palavra que Paulo usa, «*chairete*», tem a mesma raiz de «beleza», «amor», «bondade» e «gratuidade». São estas realidades que dizem a nossa verdade, não a fealdade, o egoísmo, a maldade ou a avareza.

A alegria é sinal da presença de Deus. A alegria verdadeira é aquela que, mesmo na dor, permanece presente porque não é um sentimento passageiro daquele a quem a vida corre bem, mas a certeza, que vem da fé, que Deus me ama infinitamen-

te e já venceu a morte e o mal. Esta alegria, a alegria espiritual, que pode ser e é, muitas vezes, vivida na dor, é dom de Deus.

Em seguida, Paulo dá a segunda indicação: o que mantém a alegria espiritual viva no nosso coração é «orar sem cessar». Rezar sempre permite-nos abrir o coração para acolher a graça da alegria. A oração é o respiro do nosso espírito. Se pararmos de respirar, o nosso corpo morre; se pararmos de rezar, o espírito em nós fica adormecido. Isto não significa que temos de estar sempre a «dizer orações», seria impossível, mas significa que podemos ter o coração centrado em Cristo, e isto é oração.

Continua Paulo: «dai graças em todas as circunstâncias», isto é, *fazei da vossa vida Eucaristia* (palavra que significa precisamente «*ação de graças*»). Se fizermos da nossa vida uma contínua *ação de graças*, então viveremos em contínua oração e seremos sempre alegres, porque estaremos sempre na presença do Senhor.

Como cristãos, na certeza de que somos amados totalmente pelo Pai, somos convidados a ver em cada acontecimento da vida uma oportunidade para encontrar o Senhor. Nas coisas que correm bem e nas coisas

que correm menos bem podemos encontrar a mão miseri-

cordiosa e amante do nosso Pai que nos ama. Sempre.

Seg, 18 – FÉRIA DO ADVENTO

Jer 23, 5-8 / Slm 71 (72), 2.12-13.18-19 / Mt 1, 18-24

Mas José, seu esposo, que era justo e não queria difamá-la... (Evang.)

S. José nem queria dizer mal nem queria que se dissesse mal de Nossa Senhora. É o que nós devemos fazer em relação aos nossos irmãos. Mas há circunstâncias em que isso é mais difícil. Por exemplo, é doloroso dizer bem de quem diz mal de nós. Mas isso é que é «amar o inimigo». Amar o inimigo, não dizer mal de quem não gosta de nós exercita-se nas pequenas coisas do dia a dia. Exercitemo-lo para aumentarmos a nossa capacidade de amar.

Ter, 19 – FÉRIA DO ADVENTO

Jz 13, 2-7.24.25 / Slm 70 (71), 3-6.16-17 / Lc 1, 5-25

Será cheio do Espírito Santo desde o seio materno. (Evang.)

É o que o Evangelho de hoje diz de João e isso dá-nos a ideia de ser uma coisa extraordinária. Mas, vendo bem, nós também estamos cheios do Espírito Santo, pelo menos desde o nosso batismo. Temos de aproveitar isso. João Batista anunciava Cristo. E nós, o que fazemos com a iluminação do Espírito Santo? O leitor, o que faz?

Qua, 20 – FÉRIA DO ADVENTO

Is 7, 10-14 / Slm 23 (24), 1-6 / Lc 1, 26-38

Do Senhor é a terra e o que nela existe. (Salmo)

Sim, Deus possui tudo. Mas é uma posse por amor. É uma posse que não oprime. É uma posse que respeita a nossa liberdade. É uma posse humilde. Humilde como só Deus consegue ser humilde. Nós temos uma humildade cheia de orgulho. Temos uma posse cheia de desejo de apropriação e domínio. Temos de aprender com Deus a servir o nosso irmão. Jesus – Deus – serviu até à cruz. Façamo-lo até onde Deus nos pedir.

Qui, 21 – FÉRIA DO ADVENTO

Cant 2, 8-14 ou Sof 3, 14-18 / Slm 32 (33), 2-3.11-12.20-21 / Lc 1, 39-45

Quando Isabel ouviu a saudação de Maria (...) ficou cheia do Espírito Santo. (Evang.)

Será que Nossa Senhora tem o poder de nos encher do Espírito Santo? De si, o Espírito Santo é enviado por Jesus, mas não me parece descabido pensar que o Espírito Santo, que enche Nossa Senhora, transborde, como uma característica que uma pessoa possui em grande quantidade transborda para fora dela, «estendendo-se» àqueles que a circundam. Assim, ao rezarmos a Nossa Senhora é natural que o Espírito Santo se torne mais vivo dentro de nós. O leitor não acha?

Sex, 22 – FÉRIA DO ADVENTO

1 Sam 1, 24-28 / 1 Sam 2, 1.4-8 / Lc 1, 46-56

Exaltou os humildes (...) e despediu os ricos... (Evang.)

É natural que Deus exalte os humildes porque os humildes são aqueles que absorvem Deus. Os ricos são aqueles que não precisam. O rico é aquele que já não precisa, aquele que já tem. Logo, se ele, durante a sua vida, não precisou de Deus, naturalmente é despedido por Deus. De que maneira é que o leitor precisa de Deus?

Sáb, 23 – FÉRIA DO ADVENTO

Mal 3, 1-4.23.24 / Slm 24 (25), 4-5.8-10 / Lc 1, 57-66

Sentar-Se-á para fundir e purificar. (1ª Leit.)

Hoje, o leitor faça um exame de consciência e peça a Deus que o purifique. Faça um exame de consciência sem propósito de emenda. Faça um exame de consciência aceitando-se como é e pedindo a Deus que queime o seu pecado, que o purifique no fogo do Deus amor.

Dom, 24 – DOMINGO IV DO ADVENTO – Ano B

2 Sam 7, 1-5.8b-12.14a.16 / Slm 88 (89), 2-5.27.29 / Rom 16, 25-27 / Lc 1, 26-38

Na segunda leitura deste quarto domingo do Advento, S. Paulo fala-nos da «revelação do mistério encoberto desde os

tempos eternos, mas agora manifestado». Esta palavra, «mistério», é por vezes mal compreendida. De que «mistério» está a falar S. Paulo? O mistério da nossa salvação. É isto que significa esta palavra: o plano salvífico que Deus, desde sempre, tem no seu coração.

A revelação de quem é Deus para nós foi sendo progressivamente feita ao longo de toda a história. Com a suavidade que só o Amor conhece, Deus foi manifestando a sua presença delicadamente, de modo que esta não se impusesse pela força, mas fosse, ao longo dos séculos, reconhecida como presente e cada vez mais próxima.

Começa com a criação. Tudo o que existe veio ao mundo porque «Deus disse...». Tudo é criado por Deus e de tudo e em tudo podemos reconhecer a sua presença. Depois da criação, Deus não nos abandonou, mas continuou no meio de nós. Enviou profetas que nos mostravam, na sua vida, o rosto de Deus. Por fim, em Jesus Cristo, Deus faz-Se um de nós e vem viver connosco. É Deus-Conosco. Em Cristo, tudo está revelado. Quando, na cruz, o Senhor diz: «Tudo está consumado», está a dizer que a História da Salvação está consu-

mada, que o Amor do Pai está definitivamente revelado, que o mistério da nossa salvação está plenamente revelado.

No Evangelho, temos aquela que é uma das passagens mais conhecidas e mais representadas da Escritura, que nos mostra como se concretiza definitivamente a revelação do mistério da Salvação: a Anunciação.

Em Maria, nossa mãe, temos a imagem do que é a vida cristã, de qual é o fundamento da nossa vida: a encarnação de Cristo. Todos somos chamados a «dar à luz» Jesus. Claro que isto não é para ser lido num sentido físico, mas a vida cristã plena, à qual somos todos chamados, passa por dizer o nosso «Sim» como faz Maria. Dizendo «Sim» a Deus, uma coisa é certa: Ele vem habitar o nosso coração e ficamos «grávidos» de Deus. Se temos dentro de nós o Senhor, se abrimos as portas do nosso coração à sua presença, então na nossa vida, no trabalho, em casa, onde quer que estejamos, seremos presença de Deus. Através da nossa vida e com a nossa colaboração, Deus continua a vir ao mundo. Tal como há 2000 anos Deus quis precisar de Maria para vir ao Mundo, tal como, antes de Cristo, o Senhor

Se fez presente pelos profetas e na criação, agora, hoje, precisa

do nosso «sim» para fazer-Se carne na nossa vida.

Seg, 25 – NATAL DO SENHOR (Solenidade) – Missa do dia

Is 52, 7-10 / Slm 97 (98), 1-6 / Hebr 1, 1-6 / Jo 1, 1-18

«Muitas vezes e de muitos modos falou Deus antigamente aos nossos pais pelos Profetas. Nestes dias, que são os últimos, falou-nos por seu Filho...». Hoje celebramos a vinda definitiva de Deus ao mundo. Ele fez-Se um de nós. Por amor, vem *falar-nos* por Jesus Cristo, o seu Filho.

Deus é o Senhor que vem, que está sempre a vir ao nosso encontro. Nos «tempos antigos», falou-nos pela criação, mas agora, para chegarmos à plenitude da história, vem viver connosco e ser um de nós.

S. João começa o seu Evangelho apresentando-nos como que um resumo muito condensado da História da Salvação. Começa por nos dizer quem é Jesus. Sim, certo, é o Menino Jesus que *hoje* nasceu, mas Ele é o Verbo, a Palavra de Deus. É o *princípio* e o *fim* (finalidade), o *Alfa* e o *Omega* de tudo, Aquele por meio do qual tudo se fez «e sem Ele nada foi feito». É a Vida. É a Luz. O «Menino Jesus» é a Sabedoria de Deus que veio habitar entre nós. S. João esclarece imediatamente de quem se

está a falar no seu Evangelho. O Deus Altíssimo que, por Amor, Se faz um de nós.

João esclarece que Deus Se faz «carne». Na linguagem bíblica, a «carne» é a dimensão de fragilidade da vida humana. Isto não significa simplesmente que Deus assumiu para Si um corpo com músculos e ossos, mas que Se tornou verdadeiramente um de nós. Tal como nós, não sabia tudo, não nasceu ensinado, mas sentia cansaço como nós, alegrias e tristezas, *em tudo semelhante a nós exceto no pecado*.

A *Deus nunca ninguém O viu*, mas todos temos em nós o desejo de O ver. Somos criados por Amor e para o Amor e o nosso coração não encontra a paz até que O encontremos. Só em Deus descansa a nossa alma, só n'Ele repousa o nosso coração. A *Deus nunca ninguém O viu*, mas o Filho Unigénito, Jesus Cristo, dá-O a conhecer. Agora que Deus Se fez um de nós, podemos ver a Deus olhando para Jesus. Para conhecer Deus basta contemplar Cristo, olhar para a sua vida, ver o que faz, ouvir

o que diz e observar o modo como ama.

O *Prólogo* do Evangelho de S. João, que hoje rezamos, apresenta-nos o Senhor, mas só no fim de todo o Evangelho poderemos realmente conhecê-Lo. Nesta primeira página do Evan-

gelho segundo S. João, sobrevoamos, tal como uma águia lá do alto sobrevoa os campos, a vida de Jesus, o Cristo, para podermos ter uma visão ampla de quem é Aquele cujo nascimento hoje celebramos.

Ter, 26 – SANTO ESTÊVÃO (Festa)

At 6, 8-10; 7, 54-59 / Slm 30 (31), 3cd-4.6.8ab.16b-17 / Mt 10, 17-22

Ao ouvirem as suas palavras [de Estêvão], estremeceram de raiva no seu coração. (1ª Leit.)

Muitas vezes, face a palavras justas que nos incomodam, fazemo-nos surdos. É natural, algumas coisas incomodam-nos. Mas se nos fechamos, podemos fechar-nos a coisas importantes, que se transformariam em coisas muito importantes, e perdemos isso tudo, perdemos essas graças que Deus nos queria dar. Temos de ter cuidado com aquilo a que fechamos os nossos ouvidos. Às vezes, podemos fechar os ouvidos numa altura, mas se essa ideia voltar noutra altura, nessa outra altura abramos-lhe o coração.

Qua, 27 – S. JOÃO, APÓSTOLO E EVANGELISTA (Festa)

1 Jo 1, 1-4 / Slm 96 (97), 1-2.5-6.11-12 / Jo 20, 2-8

Nós vos anunciamos o que vimos e ouvimos para que estejais em comunhão conosco. (1ª Leit.)

A nossa vida interior – o que vimos e ouvimos e nos vem de Deus – não é para ser partilhada à toa, nem com pessoas que não conhecemos de lado nenhum. Mas partilhá-la com um amigo íntimo pode ser bom para os dois. Pode ajudar a construir (ainda mais) a vida interior dos dois participantes nessa conversa, pode ajudar a construir a comunhão entre os dois amigos. Façamo-lo.

Qui, 28 – SANTOS INOCENTES (Festa)

1 Jo 1, 1-5 – 2, 2 / Slm 123 (124), 2-5.7b-8 / Mt 2, 13-18

O sangue de Jesus, seu Filho, purifica-nos de todo o pecado. (1ª Leit.)

Jesus entregou-Se até ao sangue. Entregou-Se totalmente. E o que é para nós entregarmo-nos totalmente? Por um lado, é entregarmo-nos com inteligência. Isso é muito importante, senão a nossa entrega definha dia após dia, ano após ano. É a inteligência – e a vontade – que nos ajuda a progredir. Se não tivermos a inteligência a trabalhar, a nossa entrega não melhora. Fica sempre com os mesmos padrões, os mesmos paradigmas, os mesmos hábitos. O leitor reze com inteligência.

Sex, 29 – 5º DIA DA OITAVA DO NATAL

1 João 2, 3-11 / Slm 95 (96), 1-3.5.6 / Lc 2, 22-35

Este menino foi estabelecido para ser (...) sinal de contradição. (Evang.)

Peçamos a Deus que seja sinal de contradição nas nossas vidas. Que assinale as nossas contradições, as nossas incoerências, as nossas faltas de retidão espiritual. Que fale alto na nossa consciência. Que nos aponte onde não estamos bem para nos podermos corrigir, para podermos amar mais e melhor. Hoje, rezemos por isso. Rezemos pela nossa vontade e pela nossa inteligência.

Sáb, 30 – 6º DIA DA OITAVA DO NATAL

1 Jo 2, 12-17 / Slm 95 (96), 7-8a.8b-9.10 / Lc 2, 36-40

... dai ao Senhor glória e poder (...). Dizei (...): «O Senhor é Rei». (Salmo)

Com certeza que o Natal trouxe ao leitor uma boa ajuda para interpretar este salmo corretamente. Que tipo de Rei é este. Qual é a sua glória e o seu poder? Onde é que este Rei nasceu? Quais são os seus valores? Será um rei distante e majestático, cheio de honra, glória e poder, como Luís XIV de França ou a rainha de Inglaterra? E será o Pai de Jesus assim? Distante e majestático? Lembremo-nos que «quem Me vê, vê o Pai». Nunca o leitor se esqueça que a glória de Deus é o amor.

Dom, 31 – SAGRADA FAMÍLIA DE JESUS, MARIA E JOSÉ (Festa) – Ano B

Sir 3, 3-7.14-17a / Slm 127 (128), 1-5 / Col 3, 12-21 / Lc 2, 22-40

Hoje celebramos a Festa da Sagrada Família. Poderemos pensar que esta não é uma festa muito importante para a nossa vida, uma vez que pensamos que a Sagrada Família é demasiado «especial» e que, por isso, não tem nada a ver com a nossa vida. Mas não é bem assim, uma vez que, na verdade, todas as famílias são «especiais». A Sagrada Família serve para nós como modelo para o essencial: aquilo que os une é o amor. Se as nossas famílias estiverem forte e solidamente assentes no amor, então o modo como Jesus, Maria e José são família pode ser para nós um modelo de família.

A família cristã passa pelo mesmo desafio da Sagrada Família: ser lugar da encarnação de Cristo. Claro que Jesus já veio ao mundo e não voltará a nascer, mas continuamos a ser desafiados pelo Senhor a dar-Lhe o nosso *sim* para que sejamos presença de Cristo no mundo. Na segunda leitura, S. Paulo diz isto de um modo muito concreto: « revesti-vos de sentimentos de misericórdia, de bondade, humildade, mansidão e paciência ». Depois, mais à frente, continua: « revesti-vos da caridade ». O modo como nos vestimos não é um mero cobrir o corpo, mas revela quem somos. Não revela

meramente os nossos gostos, mas diz muito mais do que isso. A «roupa» que reveste o cristão é a «roupa» de Cristo.

S. Paulo não está a sugerir um modo concreto de vestir, uma «moda cristã», mas desafia-nos a que aquilo que somos, aquilo que revelamos com a nossa vida seja o Amor de Cristo. É este o simbolismo bíblico da roupa: exterioriza as escolhas do nosso coração, manifesta as nossas disposições interiores.

Somos chamados a mais do que simplesmente *não fazer mal a ninguém*. Somos chamados a ser ocasião da presença de Cristo para os outros. Por isso, S. Paulo dá-nos algumas indicações de como manter e fortificar esta «roupa» nas nossas famílias. Sublinha a importância de que *habite em nós a Palavra da Cristo*. Como podemos fazer isto? Por exemplo: lendo a Bíblia e rezando em família.

Termina S. Paulo com o último e o mais importante desafio: «Tudo quanto fizerdes, por palavras ou por obras, fazei-o em nome do Senhor Jesus, dando graças por Ele a Deus Pai». Vivendo assim, todas as famílias são sagradas e chamadas a serem símbolo de Deus no mundo.